

Aula 3

OS SABERES DO PROFESSOR – PARTE 2

META

Aprofundar o debate acerca dos saberes da experiência do professor

OBJETIVOS

- At the end of this class, it is expected that the students:
- Explorar a noção de saberes da experiência para além de metodologias de ensino;
 - Ampliar o conceito de saberes para estratégias de sobrevivência.

PRERREQUISITOS

Conhecimentos sobre os saberes do professor

Paulo Boa Sorte

INTRODUCTION

Olá!

Na aula anterior, começamos a explorar o universo dos saberes docentes, que é muito importante para entendermos a atividade do professor em sala de aula e para além dela. Conhecer o que sabe o professor é conhecer como a docência é colocada em prática nas nossas escolas.

A aula de hoje vai explorar um pouco mais deste universo. Vamos focar especificamente os saberes da experiência, isto é, aqueles saberes que não vêm escritos em manuais, que não fazem parte dos cursos de formação inicial de professores e, segundo alguns teóricos, não é algo que se ensine: os saberes da experiência. Ao longo desta aula, espero deixar claros os motivos pelos quais é tão importante darmos uma olhada neste vasto e curioso universo da docência.

Em diversas pesquisas que têm o objetivo de analisar as perspectivas metodológicas de ensino de professores em formação inicial e/ou continuada, muitos docentes afirmam não se lembrar ou não possuir estratégias ou perspectivas metodológicas de ensino (SILVA, 2014). Nesse caso, o que pode esse professor fazer para dar conta do seu trabalho e de toda a complexidade que o permeia? O professor pode utilizar estratégias de sobrevivência, criteriosamente estudadas por Woods (1990), e às quais nos dedicaremos a estudar agora.

As estratégias de sobrevivência podem explicar os diversos posicionamentos tomados pelo professor a fim de que ele se sinta mais confortável e, como o próprio termo diz, sobreviva em sua rotina na escola para além de abordagens, métodos e técnicas de ensino difundidas por especialistas. Como o autor se refere a estratégias de sobrevivência no ensino de forma geral, acredito ser necessário, em determinados momentos, ampliar a discussão direcionando-a ao contexto específico do ensino de inglês, âmbito da nossa formação aqui na Universidade Federal de Sergipe.

Já mencionei anteriormente que a tarefa do professor não é só trabalhar os conteúdos delineados no programa de ensino. Ele precisa desempenhar tarefas e resolver problemas trazidos pelos alunos e pela instituição, problemas estes que não estavam previstos. Muitas vezes, o professor trabalha sob pressão e precisa dar conta de situações sob as quais não tem controle – uma delas, a falta de conhecimento sobre teorias do ensino-aprendizagem. As pressões variam de escola para escola e do comprometimento do professor com as suas tarefas. De qualquer forma, é preciso resolver os problemas, adaptar-se, sobreviver. O princípio das estratégias de sobrevivência, segundo Woods (1990), é a acomodação, ou seja, a resolução dos problemas que surgem com o intuito de neutralizar as ameaças à continuidade do trabalho.

Antes de tratar das oito estratégias de sobrevivência que o autor elencou, ressalto que ele chama a atenção para a dificuldade que os professores têm em lidar com os chamados alunos “difíceis”. A noção central de todas as

estratégias de sobrevivência é o controle, que se tornou parte integrante da atividade docente. Ao invés de ensinar a escrever, ler e calcular, o professor precisa ensinar a escrever e controlar, ler e controlar, calcular e controlar. A execução das tarefas diárias em sala de aula, portanto, torna-se mais complicada, daí a necessidade de estratégias.

OITO ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA, SEGUNDO WOODS

A **socialização** é a primeira delas. São as regras de convivência negociadas ou “inculcadas” pela escola para que a convivência entre os alunos e com os professores seja harmônica. Com isso, os conflitos são evitados. A figura do bom aluno é valorizada e enfatizada. Nesse sentido, há formas de se dirigir aos professores, coordenadores e diretores; prêmios pelas melhores notas e o melhor comportamento; ênfase na melhor forma de se vestir e fiscalização quanto ao uso de acessórios; negociações quanto aos lugares onde se sentar na sala; circular pela escola; ficar em silêncio ou conversar na aula; levantar a mão para ter a sua vez de falar (Imagem 3.1) etc. A inserção ou exclusão de regras depende do sucesso ou falha de cada uma. Nas aulas de inglês, pode-se entender como regras de socialização o uso da língua alvo ao pedir para ir ao banheiro ou tomar água, desculpar-se, perguntar o significado de uma palavra, dizer que não entendeu a explicação, dentre outros.



Levantar a mão é uma das estratégias mais comuns de socialização. Fonte: <http://info.geekie.com.br>

A **dominação** é a segunda estratégia de sobrevivência. A palmatória (imagem 3.2) ou as agressões físicas, como beliscões, tapas e puxões de orelha “resolveram”, há muitos anos atrás, os problemas de indisciplina. Entretanto, desde que foram abolidas, o professor busca alternativas a essas

estratégias para impor a sua autoridade. Em muitos casos, vozes mais altas, firmes ou estridentes podem ser atributos que ajudam a manter a ordem, como é o caso das aulas de Educação Física ou na realização de jogos e dinâmicas. O uso de apitos, batidas na mesa com o apagador, orações enunciadas no modo imperativo são outros exemplos, que também valem para aulas de inglês. Empregados em assembleias ou reuniões, os firmes tons de voz também são utilizados para anunciar e conduzir orações e hinos, validando assim o poder da autoridade maior.



A palmatória foi um elemento disciplinador nas escolas até meados do século XX. Fonte: <https://acervo.estadao.com.br>

A terceira estratégia de sobrevivência é a **negociação**, cujo princípio é a troca. Para que ela aconteça, são comumente usadas apelações, adulação, elogios, promessas ou ameaças. Geralmente, o que o professor faz em troca de atenção e ordem durante a sua aula são as escapadas das regras impostas pela instituição, como assistir a filmes e vídeos, fazer visitas técnicas, passeios e intervalos que, embora possam ter propósitos educativos – especialmente em aulas de inglês e a depender de como o professor conduza essas aulas –, os alunos não contam como “trabalho”, daí a existência de uma abertura para a negociação.

Outra forma de diminuir conflitos entre professores e alunos está na quarta estratégia, denominada **fraternização**. Os professores tornam-se “menos adultos” e se envolvem no mundo dos alunos, assumindo parte da linguagem e do estilo adotado por eles (imagem 3.3). A explicação está no fato que, aproximando-se dos alunos e desenvolvendo uma boa relação com eles pode oferecer maior cumplicidade, diminuindo o desejo em causar problemas na sala de aula. Professores mais jovens, especialmente pela sua aparência, estilo de vestir, modos e expressões utilizadas na fala possuem forte identificação com os alunos. Por essa razão, eles são muito populares. Outras possibilidades de fraternizar como estratégia de sobrevivência é fazer referências a programas de televisão, esportes, jogos eletrônicos, redes sociais e estilos musicais.



Professor de Geografia, Caio Melo, de Votuporanga-SP, dá aula com músicas da moda. Fonte: <https://razoesparaacreditar.com>

A **ausência** ou **remoção**, quinta estratégia de sobrevivência, pode ocorrer de diversas maneiras, desde a ausência física à ausência simbólica dos lugares e situações em que ocorrem os conflitos. O professor sobrevive quando reduz os conteúdos do seu plano de ensino, falta às aulas, não se envolve em atividades para além do seu horário de aulas, como assembleias ou reuniões. No momento da aula, pode divagar, devanear, cochilar, admirar a paisagem da janela, ignorar problemas ou dificuldades dos alunos, passar o tempo ou perder tempo fingindo que algo está acontecendo. Em muitos casos, essa estratégia leva tanto à aposentadoria antecipada quanto à escolha por jamais assumir a docência, esta última decisão tomada logo após finalizar a sua formação inicial.

O **ritual** ou **rotina** é a sexta estratégia observada por Woods. A lógica da sociedade industrializada, regida por rituais diários foi, inevitavelmente, incorporada à educação. Imaginar uma vida sem rotina é ter que lidar, todos os dias, com acontecimentos imprevistos, sem precedentes e não recorrentes, o que pode ser extremamente desgastante. A rotina, nesse sentido, promove a salvaguarda. Por outro lado, os professores podem se tornar viciados nela, já que, uma vez instituída, é muito difícil de ser abandonada, graças ao conforto que proporciona ao desempenho das tarefas diárias. Um exemplo marcante de rituais no ensino de inglês está no método audiolíngua, como observa Larsen-Freeman (2000), as aulas seguem rigidamente os procedimentos de apresentação e repetição dos diálogos e manipulação das estruturas gramaticais, a princípio, sem acesso ao texto escrito desses diálogos e estruturas. Aprender, segundo essa concepção de ensino, é um processo de formação de hábitos. Em escolas brasileiras, a rotina também é necessária para que os professores, que precisam assumir mais de um vínculo empregatício e complementar a renda, possam dar conta de desempenhar as suas tarefas em mais de 30 horas de aulas semanais.

A penúltima estratégia de sobrevivência é denominada **terapia ocupacional**. Professores e alunos proporcionam a si mesmos a realização de atividades não oficiais, e que podem ser consideradas terapêuticas, durante o andamento das aulas. Para os alunos, jogar cartas, rabiscar carteiras e

papéis, ler gibis e ouvir músicas. Nos dias atuais, incluso o acesso às redes sociais e jogos pelo telefone celular. Já o professor pode folhear livros, instalar equipamentos, oferecer assistência individual a alunos durante as aulas, bater papo com os alunos, preparar materiais para atividades ou jogos, interromper a aula para contar histórias etc.

A oitava e última estratégia de sobrevivência chama-se **moralização**. O autor explica que essa estratégia se refere ao aumento da confiança em uma pessoa ou grupo de pessoas em situações cotidianas, orientando, assim, o comportamento de todos (imagem 3.4). É o incentivo à criação de laços afetivos entre os colegas professores, envolvimento em grupos, aumento da solidariedade e diminuição de possíveis brigas e dos sentimentos de inveja e ciúmes. A coesão do grupo de professores é alta, embora ela seja frequentemente mais forte em subgrupos dentro de uma mesma equipe. Essa atitude é também estimulada pelos professores entre os seus alunos.



Sala de professoras como espaço de trocas e convivência. Fonte: <https://gestaoescolar.org.br>

O autor alerta para o perigo de enxergar as estratégias de sobrevivência como facilitadoras do ensino e lembra que alguns cuidados devem ser tomados:

As estratégias de sobrevivência não necessariamente facilitam o ensino. Elas, muitas vezes, se disfarçam dele e até assumem o seu lugar. O sucesso no uso de uma estratégia garante o estabelecimento dela no cotidiano da escola, mas muitos professores passam a se nutrir de estratégias, que acabam por se transformar, elas mesmas, em problemas. (WOODS, 1990: 118, tradução minha).

Não se trata de defender ou suprimir o uso de estratégias de sobrevivência. Perceber onde e por que elas existem é um dos caminhos para entender como os nossos professores estão sendo formados, bem como a maneira como eles lidam com os problemas que encontram em seu ofício, muitos deles indicadores de lacunas existentes nos cursos de formação.

CONCLUSION

As estratégias de sobrevivência, no sentido empregado por Woods (1990) e os saberes experienciais, no sentido empregado por Tardif (2002), podem se fundir em uma única ideia, ou seja, pode-se falar em **saberes práticos de sobrevivência** (BOA SORTE, 2015), uma junção desses dois conceitos, já que os professores aprenderam a utilizar essas estratégias a partir da sua prática, do exercício diário do seu ofício, tentando dar conta de toda a complexidade que permeia o ensino e resolvendo os imprevistos surgidos em sala de aula e também na escola.



SUMMARY

Na aula de hoje, exploramos a segunda parte do entendimento que um professor de inglês não precisa saber somente os conteúdos que ele ensina. Descobrimos que a noção de estratégias de sobrevivência nos ajuda a entender mais a fundo a profissão para a qual estamos nos formando para além do que se estuda nas universidades e cursos de formação continuada, isto é, as estratégias e/ou saberes adquiridos ao longo do exercício da nossa profissão.



ACTIVITY

Na atividade de hoje, sugerimos que você assista a dois vídeos de humor, estrelados pelo grupo de atores e atrizes denominado Parafernália. O vídeo está disponível na plataforma YouTube, e se intitulam “tipos de professores 1” e “tipos de professores 2”. O exercício que você vai fazer é identificar, em ambas as peças, estratégias de sobrevivência elencadas por Woods (1990). Lembre-se, também, de mencionar as estratégias que não se fazem presentes nos vídeos. Discuta com o(a) seu(sua) tutor(a) e/ou coordenador(a) de disciplina.

COMMENTS ON THE ACTIVITIES

Seguiremos as nossas atividades de pesquisa e organização do seminário na próxima aula. A atividade de hoje identifica, em vídeos humorísticos, situações cotidianas e práticas da sala de aula da

contemporaneidade; uma compilação dos tipos de professores que buscam, a partir da sua prática e das representações que cada um tem sobre o ensino, sobreviver (utilizando o termo de Woods) às tarefas cotidianas da escola e da relação com os seus alunos.

GLOSSÁRIO

Saber: relaciona-se àquilo que as pessoas entendem por suas identidades, experiências profissionais e experiências de vida, sejam elas atreladas ou não à sua história profissional.

Saberes experienciais ou práticos: saberes que surgem a partir da experiência da profissão de professor e por ela são validados.

Estratégias de sobrevivência: cunhado por Woods (1990) o termo ajuda a explicar os diversos posicionamentos tomados pelo professor a fim de que ele se sinta mais confortável e, como o próprio termo diz, sobreviva em sua rotina na escola para além de abordagens, métodos e técnicas de ensino difundidas por especialistas



SELF-EVALUATION

As perguntas a seguir precisam ser respondidas com SIM. Caso contrário, a nossa sugestão é que você estude novamente esta aula para, depois, seguir adiante:

Consigo definir os conceitos saberes e estratégias de sobrevivência?

Sei explicar os motivos pelos quais professores utilizam essas estratégias em sala de aula?



NEXT CLASS

Na próxima aula trataremos de outro importante elemento na formação de professores de inglês: a prática reflexiva. Até lá!

REFERENCE

BOA SORTE, P. Conceituando os saberes práticos de sobrevivência. In: Revista **The ESpecialist**, v.36, n.1, 215, p;7-26.

SILVA, P.R.B.S. **A graduação em Letras-Inglês como formação contínua**: desfazendo unilateralidades. 150f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo-SP, 2014.

WOODS, P. 1990. **Teacher skills and strategies**. London: The Falmer Press.